

Vênus – Filó, a Fadinha Lésbica

Por Pâmela Baltazar

Poesia de Hilst assume tons bordô no cinema

Hilda Hilst é considerada uma das maiores escritoras da Língua Portuguesa. Seu poema “Filó, a Fadinha Lésbica” publicado em *Bufólicas*, de 1992, inspirou o curta de Sávio Leite, *Vênus – Filó, a Fadinha Lésbica*.

Vênus é uma animação com teor erótico feita a partir de *gifs*. O curta apresenta um visual psicodélico exortando a impressão de que as pessoas estão realmente sentindo o prazer que as imagens evocam. Como nas obras de Wes Anderson e Krzysztof Kieślowski, onde as cores se fazem parte essencial do conjunto visual, Leite utiliza as pigmentações de bordô para dar andamento a sua narrativa. O vermelho é muito presente no texto de Hilst, na descrição do corpo e das mudanças que estão embutidas na personagem central do conto. Leite o toma como base para os desenhos que compõem a trama.

Desse modo, a sensorialidade do filme se torna forte, praticamente tocável, principalmente, devido à mistura eficaz entre o visual e o sonoro. Se por um lado, o bordô evoca a liberdade e a sexualidade, por outro, a voz da musa do cinema novo, Helena Ignez, completa a experiência *caliente* da obra. Ignez esboça uma narração poética e visual, como o conto de Hilst demanda. Sua interpretação é carregada de sutis modulações que vêm acompanhadas por deboches e desejo.

Corporalmente, a personagem é diferente da mulher padrão. A narrativa a descreve como gorda e miúda, com pezinhos redondos e cabeluda. E apesar de quebrar vários padrões estabelecidos pela sociedade patriarcal contemporânea, ela é desejada por onde passa. Assim, o curta se apresenta como um conto moderno, acercando-se de um personagem central que tem características femininas - pouco aceitas pela maioria -, mas que também apresenta comportamentos masculinos. É interessante notar que, nesta construção, seu rosto nunca é exibido, mas o público a conhece por meio de sua respiração, de partes do seu corpo e de sua cor bordô. E dentre toda a encenação, algo que atrai e se destaca é a liberdade de Vênus-Filó, em seu comportamento, suas ações, seus desejos e seu corpo.

Para além de todos os seis minutos em que a narrativa se desenvolve, ela traz consigo discussões de gênero, estética e liberdade que se desenrolam sob a construção fluida de Leite, que não amarra as pontas ao entregar um trabalho fechado, contudo, com margens para que se reverbere e encontre espaço amplo de debate na sociedade contemporânea. Em tempos onde há ambientes assertivos para a liberdade sensorial que a trama evoca, “Vênus-Filó, a Fadinha Lésbica” surge como um conto

pós-moderno livre de todas as imposições conhecidas em campo literário, social e audiovisual.